

HUGO GONÇALVES

# O CAÇADOR DO VERÃO

  
casadasletras



*Muitos diriam que José era uma boa pessoa. Porém, se conhecessem inteiramente as suas ações, talvez mudassem de opinião. Sem dúvida alguns aprovariam as suas escolhas, diriam mesmo que eram necessárias, embora não tivessem jamais a coragem para fazer o que José fazia. Ele próprio percebeu que nem todas as suas decisões eram corretas ou tinham os melhores resultados. O seu propósito era solitário, anónimo, e nunca quis propagandear os seus atos como a solução para os problemas e as misérias da existência. É possível que, se a vida tivesse sido diferente, ele não pagasse o preço de querer corrigir o mundo à força. Mas foi exatamente assim que tudo aconteceu.*



Sábado



# 1

De acordo com o jornal que José folheou ao pequeno-almoço, no café perto de sua casa, aquele sábado seria o dia mais quente do ano até à data. A primavera de Lisboa transvestia-se de verão e os seus habitantes mostravam os ombros e os dedos dos pés, deixavam-se aquecer pela transbordante luz branca, paravam a olhar a largura do rio, atravessavam a ponte de carro e estreavam-se nos areais atlânticos com sentido de merecimento – afinal, o inverno fora longo e espesso como nevoeiro no cais, tão untuoso que, naquela manhã de céu irreprensivelmente liso, sem farrapos de nuvens ou uma suspeita de vento, pareceu a José que todos os seres da cidade saíam, por fim, da letargia mofenta da toca e que o sol inesperadamente forte antecipara as mudanças no metabolismo dos animais.

José dormira mal, um sono aos soluços, de motor afogado. Acordara exangue (pelas picadas de mosquitos) e cansado (pelos nervos que lhe suscitava a visita desse sábado). Mas, ao sair à rua, pôde sentir a manhã disseminando calor pelo seu corpo e decidiu protelar o encontro para o qual fora convocado.

Meteu-se no carro e visitou a praia. Sentou-se no paredão, observando os rapazes que mergulhavam como acrobatas de plasticina, os seus esqueletos inquebráveis, ora como polvos flutuando no ar, ora entrando na água com a certeza dos punhais. O comboio parou na estação e José observou o bulício das famílias saindo dos vagões prateados: uma parada de guarda-sóis e toalhas ao ombro, o compasso dos chinelos e as vozes desafinadas pela excitação.

Ao longe, pensou José, as pessoas pareciam sempre mais felizes. Olhou depois para os chuveiros da praia, onde uma rapariga despegava o sal da pele, os fiozinhos frescos de água doce sulcando os contornos rijos do seu corpo, uma piscina no umbigo, um regato no ombro, uma cascata no púbis. Não era bonita, mas tinha a seu favor os traços da juventude, a capacidade para, abstraída da atenção devoradora dos homens, aproveitar um duche de água fria, em biquíni, sem o pudor das virgens ou o cinismo das abandonadas.

Em tempos, talvez José não se tivesse ficado pela distância contemplativa, como se parasse o carro para, a meio do caminho, poder desfrutar da beleza da paisagem. Em tempos, talvez se tivesse aproximado e dado início a uma conversa que, se não resultasse num encontro, pelo menos saciaria a sua fome de sedução. Nunca tinham sido os corpos, mesmo que magnéticos e delirantemente sexuais, o que mais o fascinava – embora atribuisse mais divindade a certos detalhes de certas mulheres do que a todos os santuários do planeta. Eram o jogo, a eloquência, a oportunidade dos diálogos e a construção cinemática de um momento o que mais ardentemente alimentava a sua disposição caçadora.

Pensando ainda que, ao longe, as pessoas eram mais felizes, deixou que a rapariga caminhasse de volta para a toalha. Só então foi capaz de se levantar e ir ao encontro do homem que exigira a sua presença.

\*

José entrou no lar de idosos e sentiu-se no *lobby* de um hotel de cinco estrelas. A rececionista, elegantemente fardada e piscando rímel, recebeu-o com a simpatia e a diligência que os ricos exigem aos empregados. Tudo era funcionalmente luxuoso e, ainda que não houvesse colunas de mármore ou berloques dourados, José, que nunca antes visitara o avô naquele exílio geriátrico, percebeu que ali estariam hospedados homens com fortuna, gente velha a quem os triunfos da vida eram agora retribuídos em forma de cuidados médicos de primeira, centenas de canais na TV e varandas viradas para o mar.

A rececionista anunciou a sua chegada pelo telefone e pediu-lhe que esperasse nos sofás do *lobby*, mas, porque ali as benesses

se estendiam aos visitantes, acrescentou que, se preferisse, também poderia aguardar no jardim debruçado sobre o Atlântico.

«O seu pai vai descer num minuto. Vou pedir que lhe sirvam um café e uma água.»

«Ele não é meu pai, é meu avô.»

José saiu e pisou a relva. O ténue frescor da maresia foi incapaz de impedir o disparo de um jorro de sangue nas têmporas e um vazio no estômago, com se não comesse há demasiadas horas e padecesse de uma fraqueza nervosa, as mãos trémulas e os tendões flácidos. O avô Joaquim continuava, pelos vistos, a dizer-se seu pai.

José sentou-se num banco corrido, à sombra de uma azinheira aparada como um bonsai. Admirou o horizonte e tentou decifrar em que exato lugar o Tejo adentrava no oceano. Um rapaz de uniforme apresentou-lhe uma bandeja. José agradeceu a água e o café com um aceno de cabeça. Estava irritadiço – o calor, o desconforto daquele reencontro com o avô. Sorveu o líquido fresco e estilhaçou o gelo entre os molares. Sentia-se melhor, contudo, não se atreveu a pegar na xícara de café, temendo que lhe vacilasse entre os dedos.

Era bem provável que fosse castigado com um atraso. Sabia que o avô jamais praticara a pontualidade que exigia aos outros, aliás, essa incoerência sempre servira para mostrar quem esperava e quem se fazia esperar – um entre muitos expedientes que Joaquim usava para aplicar as suas leis e sua visão do mundo aos súbditos.

José andou até ao muro que, paralelo ao mar, fechava o jardim. De um lado, a Costa do Sol, a linha da orla alongando-se, curvilínea, com as suas palmeiras e, algures lá longe, o Casino Estoril, o colégio onde ele estudara, rotundas enfeitadas com esculturas, casas grandes com jardins, cães de raça e famílias numerosas – enfim, os restos atualizados de outros tempos, quando a Costa do Sol se vangloriava de ser o couto estival da nobreza europeia e morada de clãs de magnatas, antes da democracia, dos pobres transformados em classe média, dos rapazes e raparigas na universidade, dos prédios do progresso como colmeias-dormitórios, das hipotecas a trinta anos e do sonho de um segundo carro.

Do outro lado estava a ponte velha, colossal, na boca do Tejo, um facho vermelho rasgando o rio e o céu, sempre invencível no recorte de Lisboa.

José caminhou pelo jardim e reparou na gigantesca estrutura de vidro, anexa ao edifício principal, que albergava a piscina interior do lar. Um grupo de idosas movia-se dentro da água aquecida e os dorsos brancos e lustrosos, juntamente com as toucas de borracha, assemelhavam-nas a focas concentradas nas indicações do tratador, ondulando ao som das mesmas músicas com que as netas acompanhavam as bebedeiras noturnas de sábado na pista de dança.

Mais adiante, havia um pequeno *green* de golfe, onde dois homens, trajados ridiculamente como manda o desporto, praticavam pancadas. Tudo era impecavelmente cuidado: o jardim de palácio real, a pintura do edifício apesar da erosão diária da maresia, a variedade do menu saudável e biológico, o algodão dos lençóis de percal dobrados a régua e esquadro, as aulas de Pilates, os *workshops*, os passeios a museus, as provas de vinho, um sem-fim de privilégios, mimos, facilidades e terapias médicas de ponta, que transformavam aquela instituição num clube restrito e de aspeto futurista.

Quanto tempo mais iria ter de esperar? Pensava – como fizera tantas outras vezes sem nunca encontrar um antídoto para a inquietação – que, antes de um encontro com o avô, se sentia sempre o rapaz que fora em tempos, parado diante da porta do quarto do seu encarregado de educação, ganhando coragem para lhe pedir as chaves do carro.

Mesmo que, na noite anterior, tivesse sido protagonista de eventos que atestariam a sua dureza e a sua coragem (se não mesmo a sua crueldade); mesmo que tivesse passado dos quarenta e conhecesse o fracasso, a solidão e a morte daqueles que amava, José parecia um miúdo em dia de teste no liceu, e sabia que a conversa com o avô os deixaria exatamente onde tinham ficado da última vez.

\*

José voltou a procurar a sombra da azinheira, sugou o que restava de gelo no fundo do copo e escutou o costurar do caminho-de-ferro que cingia a costa. Tal como o som do comboio, que a distância foi desamarrando, o pensamento de José soltou-se no espaço e no tempo, cruzando outra vez o Sul de Espanha e o Alentejo numa viagem que acontecera havia mais de trinta anos.

Talvez as memórias desse tempo emergissem como cadáveres inchados por causa do calor e do encontro com o avô. Talvez fosse, mais uma vez, a constatação de que a fortuna financeira da sua família materna – tão escarrapachada naquele lar de cinco estrelas – se opunha violentamente ao desgoverno e à pobreza da sua família paterna, que ele conhecera pela primeira vez nessa mesma viagem para sul.

Naquele verão, José descobrira os filmes de Bruce Lee. Durante tardes a fio, sozinho em casa, ou com a mãe fechada no quarto, deslumbrava-se com as maravilhas audiovisuais oferecidas pelo «tio» Juan Pablo: uma televisão e um leitor de cassetes de vídeo, acompanhados de várias fitas de kung fu e de *cowboys*. Passara as primeiras semanas das férias a estudar os filmes de Bruce Lee e a treinar artes marciais na varanda do apartamento de Madrid, crente de que todo aquele esforço o tornaria especial, de que os seus atributos de lutador salvariam gente em apuros.

Juan Pablo fazia aparecer coisas lá em casa – a televisão, roupa, comida, garrafas de vinho – com a mesma facilidade com que descobria moedas atrás das orelhas de José e arrancava lenços coloridos das narinas. Desde que Teresa conhecera Juan Pablo numa *jerga flamenca*, noite dentro, algures numas caves de Madrid, que o espanhol de cara chupada e tez mourisca – mistura de couro e azeite – aparecia com presentes para Teresa e o filho, fazendo truques com um baralho de cartas à chegada e à despedida, entre os quais se fechava no quarto com Teresa.

Por vezes, acompanhava José nas maratonas de kung fu televisivo e nos treinos na varanda, imitando golpes e repetindo as frases dos filmes que, dobradas pelo seu espanhol, o faziam mais rufia de esquina e menos mestre das artes de autodefesa.

Todas as qualidades especiais daquele tio emprestado, bem como a generosidade dos seus presentes e os truques de ilusionismo, materializavam-se em três objetos, totens da unicidade e do mistério de Juan Pablo.

a) Botas texanas.

Dizia-se que tinham sido compradas na América. Não havia outras que calcassem a noite e a má vida de Madrid como aquelas, de salto cortado, na diagonal, e com a biqueira reforçada. Eram um símbolo de estilo e triunfo. Juan Pablo ensinara José a engraxá-las,

e o miúdo, com o braço afundado no cano, passava a escova e a pomada como se puxasse o lustro a um puro-sangue. Uma tarde, Juan Pablo trouxe-lhe um par de botas texanas – tamanho de criança. E, ainda que as botas fossem um desastre, feias e mal acabadas, com biqueira redonda e um salto comum, José ostentou-as durante uma tarde de domingo, num passeio pela Gran Vía e Calle Preciados, para as abandonar assim que os *chavales* da Plaza Dos de Mayo, com quem jogava à bola, o metralharam com piadas sobre cavaleiros homossexuais e campónios sodomitas.

b) Colete de cabedal.

Juan Pablo usava-o de noite e, naquele verão madrileno, com o calor da meseta dilatando músculos e paixões, vestia-o apenas por cima da pele, revelando a tatuagem de uma mulher, estiolada e desenhada por um amador, que lhe marcava um dos braços. Uma tira de pelos descia do peito até aos abdominais enxutos. Era um guerreiro, um sedutor. Encostado à bancada da cozinha, chupando tabaco negro como quem respirava, servindo-se de cerveja e falando rapidamente sobre todo e qualquer tema sempre que saía da casa de banho a fungar do nariz, Juan Pablo ganhava, aos olhos de José, o carisma insolente do protagonista do filme. Depois, o espanhol e Teresa saíam para as suas façanhas notívagas enquanto José preparava um pão com manteiga e um copo de *Cola Cao* com leite morno e se punha a ver os filmes do Bruce Lee.

c) Baralho de cartas.

Embora Juan Pablo andasse sempre com apetrechos de ilusionista, as cartas eram a sua *pièce de résistance*. Era também com elas que ganhava a vida, em jogos à porta fechada, em quartos de hotel ou arrecadações de restaurantes. Carregava sempre uma navalha de ponta e mola e o baralho da sorte, com mulheres nuas. Numa tarde de canícula extrema, quando havia mais hemorragias nos narizes de Madrid do que sombras disponíveis, José aproveitou o silêncio no quarto da mãe e procurou o baralho da sorte nos bolsos do colete que Juan Pablo pendurara na cadeira. Abriu a caixa e foi passando as cartas com as mulheres nuas do início para o fim do baralho, dando a volta uma e outra vez, até que se fixou na dama de espadas e sentiu as virilhas quentes. (Muitos anos depois, quando, como qualquer homem adulto, tinha usado já todo o tipo de imagens nas suas fantasias porno/masturbatórias,

era ainda da dama de espadas, com um *negligé* diáfano e mamas exorbitantes, que José se valia muitas vezes.)

No dia seguinte, sozinho com Juan Pablo na cozinha, José viu o espanhol tirar uma carta da manga e colocá-la em cima da caneca de leite com chocolate. Era a dama de espadas. José ficou sem pinga de sangue, como se tivesse sido apanhado em flagrante com a mão dentro das cuecas; mas Juan Pablo encostou o indicador nos lábios, deixando a carta como um presente.

Pouco antes de fazer dez anos, José acompanhou a mãe aos Correios, em Madrid, onde viviam, após Teresa ter dito ao pai que queria iniciar um curso no estrangeiro e que levaria o filho. O rapaz não via o avô havia quase um ano, mas a mãe prometera que, pelo menos no dia do seu aniversário, visitariam a família em Portugal. Porque não tinham telefone no apartamento da Calle Espírito Santo, Teresa e José entraram no cubículo do posto de Correios. Teresa discou o número da casa onde crescera e roeu as unhas assim que ouviu o primeiro toque, uma perna nervosa, o suor empapando-lhe o cabelo sobre as orelhas. Fazia muito calor e, por momentos, José pensou que a mãe ia desmaiar. Em espanhol, Teresa disse-lhe: «Vai-me pedir um copo de água, depressa.»

José correu para o café mais próximo e, no regresso, a mãe estava na rua, chorando, encostada ao edifício dos Correios, sentada no chão. Não registou sequer o braço do filho enlaçando-a pelos ombros ou a oferta da água com açúcar. José sabia que, depois do pranto, viria a frieza, dias de depressão e amuos contínuos, que só cessavam quando ela se fechava no quarto, apagada por uma nuvem de fumo e a companhia do namorado.

Na manhã seguinte, sem explicações prévias, saíram no *Fiat 127* de Juan Pablo em direção ao Algarve. Na única vez, durante a longa viagem, que José perguntou «Não vamos passar os meus anos a casa do avô no Estoril?», a mãe disse: «O teu avô está muito ocupado, não pode tomar conta de ti agora.» Em seguida, aumentou o volume do leitor de cassetes, acendeu mais um cigarro e voltou a perguntar ao motorista de serviço:

«Falta muito?»

Faltava sempre muito, segundo Juan Pablo que, concentrado na estrada, parecia menos aborrecido do que os restantes passageiros, especialmente depois de fumar os cigarros que Teresa enrolava –

tabaco misturado com algo que a José parecia barro e que empes-  
tava tudo com um cheiro doce. Tal como acontecia a Juan Pablo  
sempre que acendia um cigarro fragrante e recheava o carro de  
fumo, também José parecia mais sossegado e incorpóreo, em paz  
com a evidência de que viajar de Madrid para o Algarve, no pino  
do verão, era uma longa jornada de tédio, contemplação e resis-  
tência. Só Teresa se mostrava imune à mansidão do fumo e das  
planícies que passavam continuamente na janela. Desassossegada  
com aquele caminho sem fim à vista, perguntava «Falta muito?»  
com a mesma frequência com que acelerava a cassete e procurava  
a canção seguinte.

Havia muitas coisas que, naquela viagem, José, então com ape-  
nas nove anos, não podia compreender. Mas sabia que, fosse qual  
fosse a razão, a mãe discutira com o avô e que, por causa disso, ele  
não iria passar as férias ao Estoril.

O momento de cruzar a fronteira foi anunciado por Juan Pablo  
como se transportassem mercadoria clandestina. Mandou calar os  
ocupantes uma meia hora antes de entrar em Portugal e abriu todas  
as janelas para arejar o veículo. Os polícias verificaram os docu-  
mentos e olharam para dentro do carro, deixando-os passar. Após  
a primeira curva, longe das autoridades, Juan Pablo gritou com a  
alegria de quem tinha sobrevivido a um acidente aéreo. Pararam  
pouco depois num café de beira de estrada. Teresa, por capricho,  
falava com o filho em espanhol desde que se tinham mudado para  
Madrid e, por isso, José estranhou ouvir, de novo, pessoas conver-  
sando na sua língua, como se aquilo que lhe devia ser mais familiar  
fosse agora estrangeiro e novo. Teresa foi à casa de banho. Juan  
Pablo, de óculos escuros e *T-shirt* branca, tirou um baralho do  
bolso e avançou para a empregada atrás do balcão, o trote sonoro  
das botas texanas abrindo caminho para a sua lábia sedosa.

«Se te ensinar um truque de cartas, pagas-me uma cerveja?»

\*

Quando faltavam alguns dias para o seu aniversário, José foi  
entregue na casa da avó paterna, em Mata Seca, aldeia algarvia da  
serra. Teresa disse que voltaria, mas a rapidez com que o deixou  
naquele lugar remoto, e as repetidas ausências, que chegavam a

durar semanas, quando ainda viviam em casa do avô, fizeram-no chorar devagarinho – sem som, o seu medo ampliado pela presença de uma avó que ele não conhecia. Teresa encaminhou-se para o carro e José ativou um hábito antigo: sempre que a mãe anunciava que se ia embora, ele fazia uma promessa. Em troca de um sacrifício ou de uma boa ação, pedia o cancelamento da viagem da mãe. Mas, depois, ouvia-se sempre um carro ou uma moto lá fora, Teresa batia a porta e, em vez de juras, José profetizava pequenos azares: o amigo que a ia buscar internado nas urgências com um apêndice rebentado, qualquer coisa insuficiente para fazer dele uma criança malévola, mas capaz de impedir que a mãe o deixasse para trás mais uma vez.

Teresa disse-lhe adeus pela janela enquanto o *Fiat 127* se apequenava com a distância. Em vez de carinho maternal, José pensou tratar-se apenas de um gesto de despedida definitiva. Adeus. Nunca mais. Ele, para sempre prisioneiro naquela casa envelhecida, com uma avó como carcereiro.

No primeiro dia, a novidade e bizarria daquele lugar ofuscaram o medo. A casa era pequena. Entrava-se pela cozinha, que dava para uma sala, que, por sua vez, dava para o quarto. O cheiro das couves, cozendo em água no fogão, e dos enchidos pendurados na chaminé, atacou as narinas de José. Nada era suave ou almofadado, os talheres estavam manchados pelo uso. O choque de não haver água corrente agravou-se quando percebeu a falta de uma casa de banho. Na primeira ida ao poço com a avó, nas traseiras, ela mostrou-lhe a casinha onde era suposto «aliviarem-se», embora a escolha da palavra lhe tivesse parecido estranha. Não havia alívio na perspectiva de, fechado naquele caixão, ter de se pôr de cócoras sobre um buraco na terra.

«E quando tem vontade a meio da noite?»

«Faço no bacio.»

«No quê?»

A avó levou-o até ao quarto e pediu que olhasse para debaixo da cama.

«Um penico?», disse José, questionando-se por que razão a avó precisava de um utensílio do qual ele se emancipara havia uma eternidade.

«Quantos anos tem a avó?», perguntou-lhe certo dia.

«Cinquenta e oito», respondeu ela, cosendo meias enquanto as vozes das beatas da emissora católica nacional rezavam o terço na rádio.

«Parece que tem cem anos.»

A avó tinha os dedos tortos e o cabelo branco invariavelmente preso num carrapito, revelando assim um pescoço rugoso e maculado. Olhando para as manchas castanhas, José observara: «Pareces uma girafa. Já alguma vez viste uma girafa? Eu vi, no Jardim Zoológico.»

Maria Emília só beijara o neto à chegada, mas ele sentia ainda a repulsa do buço grisalho pisando-lhe a pele como uma centopeia. Evitava o contato físico e dormia no sofá da sala.

«Quantos filhos tem a avó?»

«Agora tenho um, mas já tive três.»

«Porquê?»

«Um deles morreu no mar, na pesca, como o pai dele, o teu avô.»

«E o meu pai?»

«Na guerra.»

Houve noites em que José chorava, não apenas pela ausência da mãe, pelo abandono, mas porque, antes de adormecer, observando as fotografias dos homens mortos da família, tudo parecia ranger com a solidão dos malfadados que tinham desaparecido no mar. José não conhecera nenhum deles, mas imaginava o céu fechando-se repentina e sombriamente, o mar de chumbo, as ondas gigantes e o pânico dos pescadores, a agonia de quem se afoga, bem como a má sina legada aos descendentes. (Nas raras vezes em que o avô Joaquim mencionara a família paterna de José, decretara: «Há gente que atrai a tragédia e a miséria.»)

Naquele sofá de napa, em Mata Seca, desconfortável e escorregadio por causa do calor, José rezava muitas vezes dobrado sobre si mesmo, uma prece e um choro que pediam o regresso da mãe. Planeou fugir, pedir boleia na estrada, procurar a polícia, rogar que o levassem para o Estoril, para Madrid, para onde quer que Teresa estivesse. Mas o sonho de que a mãe, por fim, o fosse buscar, era muito maior do que a pressa em salvar-se daquele sítio. Pronto a perdoar como um cão largado na estrada, José queria que a mãe voltasse por sua causa, para o resgatar, para o abraçar – e não porque o filho perdido aparecera numa esquadra de polícia.

## 2

A rececionista apareceu no jardim do lar de idosos. Vinha em aflição, só a maquilhagem e a farda recordavam a simpatia do trato inicial. José levantou-se do banco e saiu da sombra da azinheira para o sol.

«O seu pai sentiu-se mal. Estão a levá-lo agora.»

*(O meu avô.)*

José percebeu que se tratava de algo grave e não corrigiu a rececionista. Ficaram a olhar um para o outro. E, porque o protocolo impedia um abraço, ela disse: «Eu gosto muito do seu pai. Todos gostamos.»

Talvez fosse apenas um gesto de consolo, uma mentira branca para suavizar a má notícia, mas a verdade é que José se habituara à inconstância do avô Joaquim, inclemente com uns e o campeão da popularidade com outros.

No carro, a caminho do hospital, José tinha a boca seca e uma leveza malsã na cabeça. Estava obviamente preocupado com o avô, mas sentia-se incomodado com a alteração no seu dia, como se o estado de saúde de Joaquim lhe tivesse imposto um transtorno – uma mesquinhez egoísta que José lamentava, mas não conseguia evitar.

Na sala de espera, enquanto aguardava notícias, uma enfermeira parou a olhar para a sua cara. Num ápice, analisou o corte que começava a cicatrizar, o olho negro e os nós das mãos raspados.

«As urgências são no primeiro andar, já foi à triagem?», perguntou-lhe.

«Estou aqui por causa de outra pessoa.»

«Esse corte no sobrolho tem ar de estar infetado. Não tem dores?»

«Não.»

«Está a tomar alguma coisa?»

José moveu a cabeça enigmaticamente – mais um gesto de desdém do que uma resposta.

«Foi contra a porta do armário?», perguntou a enfermeira, sorrindo, tentando desativar a hostilidade.

José admirava aqueles que se preocupavam com os outros. Além disso, gostava da atenção de uma mulher jovem e bonita.

«Era um armário que estava a pedi-las.»

«Nesse caso, ainda bem que fez alguma coisa.» Ela sorriu como se estivesse no portão do liceu trocando piadas com um rapaz da turma. Depois ficou séria, maternal. «Passe nas urgências, deixe um médico olhar para esse corte.»

José não disse que sim nem que não, permitindo apenas que a ausência de palavras fizesse o seu trabalho. E, assim que a enfermeira virou costas, escondeu as mãos inchadas e baixou a cabeça.

Os golpes no rosto e as falanges esfoladas tinham menos de 24 horas e eram resultado de uma das suas missões. Na semana anterior, na fila de um supermercado, José escutara as queixas de uma vizinha. A mulher falava com a filha adolescente, que parecia conhecer já todos os episódios relatados pela mãe e que, mais preocupada em resolver o problema do que nos queixumes, repetia:

«Mas porque é que não chamamos a polícia?»

«Com uma pessoa daquelas nunca se ganha», respondia a mãe.

José ficou interessado, intrometeu-se na conversa e passou a conhecer parte da história. O resto – tal como a veracidade das denúncias da vizinha – teria de apurar ele mesmo. Ajudou a mulher e a filha com os sacos. Moravam na mesma rua, perto do Rossio. Nunca tinham conversado, mas costumavam cumprimentar-se, José baixando a cabeça como se levantasse um chapéu em sinal de respeito, os seus modos elogiados pelas senhoras do bairro, a quem carregava as compras, oferecia boleias debaixo do guarda-chuva e perguntava pelos filhos que trabalhavam no estrangeiro.

Pelo caminho, ficou a saber que um rapaz – «Não deve ter muito mais de vinte anos» – se tinha mudado para o prédio da vizinha

com a mulher e um filho pequeno. Fazia festas até de madrugada à sexta e ao sábado e, durante a semana, passava a noite aos gritos com a mulher, ofensas, ameaças e a televisão aos berros. Até que um vizinho se tinha cansado e lhe batera à porta. Ninguém sabia exatamente o que tinham conversado, mas, duas semanas depois, o vizinho mudara de casa.

«Foi ameaçado de morte e teve de se ir embora, coitado. Dizem que o outro o apanhou na entrada do prédio com um grupo de gorilas e uma pistola», contou a mulher.

«Mãe, isso é um boato, ninguém sabe se foi mesmo assim.»

Entre a informação que recolheu e o que iria descobrir nos dias seguintes, José ficou a saber que o rapaz se chamava Sandro, mas que os amigos o tratavam por Chaimite. O sentido da alcunha era dúbio. Uns diziam que Sandro era possante e perigoso como o veículo de guerra; outros atribuíam o apodo aos tempos de adolescência, quando ele andava sempre mocado com haxixe de má qualidade, *chaimite vulgaris*, no jargão dos fumadores de charros.

José fez sessões de vigilância e de reconhecimento. Observou o rapaz dias seguidos. Certa noite, no café da rua, Chaimite jogava *snooker* com os amigos enquanto a mulher via a novela na televisão. José fazia um *sudoku* na mesa do canto, com os fones nas orelhas, mas examinava a sala com frequência. Reparou no filho de Chaimite, que não devia ter mais de três anos. O miúdo aproximava-se do pai uma e outra vez – e uma e outra vez era rechaçado na direção da mãe.

José antecipou a explosão e tirou os fones.

«Foda-se, deixa-me da mão, caralho do puto, não vês que estou a jogar?», gritou Chaimite.

Não foram apenas as palavras usadas, a beligerância do tom rasca, as feições desdenhosas, o esgar do opressor – foi também o riso que se seguiu, a fanfarronice diante dos seus seguidores, o peito feito, a onnipotência.

«Este às vezes nem parece meu filho», disse Chaimite.

José confiava nos seus juízos. Tinha observado o suficiente e vivido o bastante para saber que Chaimite era perigoso. Tal como um polícia ou um preso numa cadeia de alta segurança, José também acreditava ser capaz de ver na cara de um homem a impossibilidade do conserto do seu coração.

Todas as quintas-feiras, Chaimite jogava futebol com os amigos. Depois da partida, iam fumar ganzas e beber cervejas para a porta de uma tasca. O campo era perto de casa e Chaimite costumava regressar a pé, quase sempre alterado pela droga e pelo álcool, os reflexos moles, a atenção reduzida. José estacionou o carro numa rua com pouco movimento, num lugar mal iluminado.

Tinha a bagageira aberta.

Estava pronto.

Quando Chaimite ia a passar pelo carro, José saiu com um capuz na cabeça e uma arma de eletrochoques na mão. Sem tempo para reagir, Chaimite recebeu a descarga, tilintou os dentes como se mastigasse vidro partido, revirou os olhos e desmoronou-se assim que a voltagem fez curto-circuito no seu cérebro. Com algum custo, José tentou colocá-lo no automóvel, mas, enquanto se debatia com o peso morto de Chaimite, desequilibrou-se, bateu com a cabeça na quina metálica do porta-bagagens, abrindo um lanho no sobrolho, e caiu em seguida, ficando com as mãos entaladas entre o corpo desmaiado e o asfalto, moendo os nós dos dedos no alcatrão.

Chaimite acordou com um saco preto na cabeça e as mãos atadas atrás das costas. Percebeu que se encontrava na bagageira de um carro e começou aos gritos, dando pontapés na chapa. Calou-se quando o veículo parou e o motor emudeceu. Teve medo quando, no meio do abrupto silêncio, ouviu a própria respiração – a única coisa real na escuridão que o aprisionava; tudo o resto era demasiado improvável, matéria de pesadelos e de filmes de mafiosos.

Mal abriu a bagageira, José castigou-o com outro choque.

Quando Chaimite recuperou os sentidos, deu-se conta de que alguém o ajudava a pôr-se de pé e notou uma corda atada ao pescoço. Ouvia o vento e talvez o mar – uma ameaça.

«Vou tirar-te o saco da cabeça. Se te virares, mando-te lá para baixo.»

Com a cara destapada, Chaimite percebeu que estava no limite de uma falésia. O mar, tantos metros abaixo dos seus pés, numa noite sem lua, negro e gelatinoso como crude, parecia querer sugá-lo para o fundo do esquecimento.

Viu também que a corda estava atada a um tijolo.

José improvisara um curativo no golpe na sua própria sobrançelha, mas agora, que estava outra vez encapuzado – não fosse

Chaimite ver-lhe a cara –, o sangue, o suor e a condensação do seu fôlego criavam uma mistela no avesso da lã, e a ferida colava-se desconfortavelmente ao tecido. Tentou usar uma voz mais grave. Não queria ser reconhecido, mas, sobretudo, não queria que o tom revelasse as dores que sentira durante o caminho. Soprou as palavras perto da nuca de Chaimite.

«Ou paras de maltratar a tua família ou, da próxima vez que te trouxermos a passear, esse tijolo vai ser o teu bilhete de ida. Sem volta.»

Não disse mais nada. Deu-lhe outro choque e, quando o corpo de Chaimite tombou, tirou-lhe o saco da cabeça, deixando-o no chão, a mais de cem quilómetros de Lisboa.

No regresso à capital, José sentia que tinha cumprido o seu desígnio. Tratando-se de emendar homens como Chaimite, cuja necessidade de causar danos aos outros era tão forte como o instinto de sobrevivência, seria sempre mais eficaz uma ameaça desconhecida, encapuzada, sem cara, tão inesperada como obscura, do que uma tarefa. José não queria apenas um castigo físico, queria implantar em Chaimite o medo que ele causava nos outros e, talvez assim, pudesse amansá-lo por uns tempos. Seria sempre – isso sabia – uma redenção a prazo. É previsível que um homem caia nos hábitos antigos, que se esqueça do medo, que se sinta novamente seguro. Chaimite voltaria a ser o que era. Restava a José, como fazia habitualmente, passar à missão seguinte.

\*

Ainda que sequestrasse homens e os ameaçasse de morte, José tinha o estômago fraco quando estava num hospital. Não era a repulsa do sangue ou da dor, mas uma agonia diante da debilidade humana – tanto dos que estavam doentes, estropeados, sentenciados, como daqueles que os velavam. A compaixão de José pelos pacientes e seus familiares vinha acompanhada de uma fragilidade física ativada pelos cheiros do hospital que lhe empalideciam a face.

O médico, que lhe acabara de dar as notícias sobre o estado do avô Joaquim, interrompeu as explicações.

«O senhor não está bem. Sente-se.»

Depois de recuperar alguma cor e de ser visto pelo médico, que limpou o corte na sobrancelha e colou pequenos adesivos na ferida, José saiu do hospital e sentou-se no carro, sem acender o rádio ou ligar o motor, ponderando as consequências do que acabara de ouvir.

«O seu pai teve um acidente vascular cerebral.»

*(O meu avô.)*

O médico tinha dito que era muito cedo para se apurarem os danos, mas José podia antecipar a amplitude dos estilhaços provocados pelo rompimento intracraniano, tudo aquilo que supunha a palavra «trombose» – salas de fisioterapia, palavras babadas e indescortináveis, o rosto transformado numa caraça, paralisado, a boca tombando para um dos lados como uma lesma.

Talvez nunca mais ouvisse a voz do avô. O fim em vida. O espectro inerte e semirrígido daquele que tinha, na prática, sido seu pai. Por mais que lhe custasse admitir, a tristeza que o encolhia no interior do carro, no parque de estacionamento, era a prova de algo que José sempre rejeitara e que fora decretado vezes sem conta pelo avô ao longo da vida:

«Sangue é sangue.»